

S. Tiago de Vila Seca

VILA SECA, orago S. Tiago, era uma vigararia da apresentação da Casa de Bragança, da qual era prebendeira a Colegiada de Barcelos.

Os seus párocos em 1722 começaram a denominarem-se reitores, cujo título ainda conservam.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação — «De Sancto .acobo de Vila Sicca», nas Terras de Faria.

O rei não tem aqui reguengo algum e esta Igreja tem sesmarias e XX casais e Fornelos casal e meio.

O arcebispo D. Fernando da Guerra costumava não só reunir o clero de todo o arcebispado na sede do mesmo, em Braga, para discutir assuntos eclesiásticos e do governo da sua vasta diocese, a cuja reunião se dava o nome de *Sínodo*, mas promovia ainda reuniões parciais em certas localidades para o mesmo fim, a que chamavam *Calendários*.

Em 23 de Agosto de 1432 o clero da Terra de Faria e Vermuim reuniu-se em Calendário na Igreja de S. Tiago de Vila Seca, a que esteve presente o Abade do mosteiro de Fonte Arcada (1).

(1) Mons. J. A. Ferreira —Fastos Episcopais, vol. II, pág. 279.

Nessa reunião, entre outros assuntos, esta freguesia confessou dever *colheita* à Mesa Episcopal e obrigou-se a pagá-la anualmente.

Colheita era o foro ou pensão que os vassallos pagavam ao príncipe, quando ele vinha à Terra uma vez por ano.

Colheita, comedura, procuração, visitação, jantar e parada são sinónimos.

Os bispos, segundo diz Viterbo no seu Elucidário, vol. I, pág. 200, v. *Colheita* «levavam-na só pelo título ou trabalho da visitação ».

Era uma espécie de ajuda de custo da viagem e, como de graça e a seco nem os cães andam, os bispos, à semelhança dos outros príncipes, nas suas visitas às freguesias iam colhendo esse foro ou pensão paga pelos súbditos.

Esta freguesia, sita em planície, confronta pelo norte com a de Fornelos, pelo nascente com a de Gilmonde e a de Milhazes, pelo sul com a de Faria e a de Cristelo e pelo poente com a de Rio Tinto, concelho de Esposende.

É banhada pelo ribeiro da Ponte da Missa, que nasce nesta freguesia e vai desaguar ao Cávado, e é servida pela Estrada Municipal de 1.^a classe de Barcelos à Póvoa de Varzim.

Está em projecto uma outra estrada que, partindo daquela, no lugar do Assento desta freguesia, vai por Rio Tinto ligar com a que de Fão vem até Fonte Boa, do concelho de Esposende. Encurtar-se-ia desta maneira a distância entre a sede do concelho de Barcelos e aquela freguesia de Fão e ficariam com bons meios de comunicação várias freguesias importantes que bem precisam deles.

Este projecto está, porém, dependente das Câmaras Municipais de dois concelhos e para as acordar não será fácil.

O lugar do Assento é o mais importante desta freguesia : nele estão a Escola Oficial mista, em edifício próprio, a Farmácia, duas lojas de mercearia, uma de fazendas e funerária, duas fábricas de destilação e a *Igreja Paroquial*.

Esta velha matriz era um lindo templo românico, cujo estilo está hoje completamente deturpado com as obras que pelo decorrer dos tempos nele se fizeram.

As largas e rasgadas janelas que vieram substituir as primitivas frestas iluminavam-no suficientemente, sem necessidade da horrível clarabóia que foi aberta no tecto do corpo da Igreja.

Praticaram-se aqui verdadeiras barbaridades, mal se reconhecendo hoje a sua primitiva construção.

Na parede da capela-mor, por trás da actual tribuna, vêem-se os vestígios de uma daquelas antigas frestas que foi tapada.

Na ábside existem interiormente restos de um friso de pedra lavrada, encoberto pela tribuna do altar-mor, a qual foi assente sobre o antigo altar de pedra.

Em 1694 o retábulo dessa capela-mor precisava ser dourado, conforme se lê no livro dos «Capítulos das Visitas»; em 1729 mandou-se fazer uma tribuna nova para a exposição do. Santíssimo e em 1745 foi mandado consertar o forro dos seus tectos.

A actual tribuna do altar-mor é em estilo antigo, renascença, bem como os dois altares laterais junto ao arco cruzeiro, sendo muito mais modernos os outros dois altares do corpo da Igreja.

O actual tecto da capela-mor é em estuque e o da Igreja em madeira pintada.

Em 1711 mandou-se abrir uma fresta na Igreja, «tirando-lhe o arco pequeno e rompendo o cume dela um palmo para cada parte com que fique de dois palmos e

meio de cume por ser muito escura e ser de necessidade esta luz».

Em 1742 mandou-se levantar o arco cruzeiro e acrescentar para trás a capela-mor.

A pia baptismal é em granito bem trabalhado e tem na borda gravada a data 1855.

A frontaria do templo foi a que mais sofreu em seu estilo primitivo com as obras posteriores.

Por cima da porta principal abriu-se uma larga janela, vendo-se no fecho daquela porta a inscrição—1875—data talvez do alteamento e alargamento desta.

Ao lado direito da fachada ergue-se uma sólida e bem construída torre, com seu relógio, a qual tem na frente uma pedra com a data —1857.

Do mesmo lado, em seguida e por trás da torre, estão as sacristias de algumas Associações religiosas que funcionam nesta Igreja, tendo por cima salas para arrumações.

Do lado esquerdo, junto à capela-mor, estão a sacristia da Confraria do Sacramento, feita em 1742, e a Paroquial. Esta, pequenina, tem metido na parede um lavabo de pedra em que a água cai numa taça pela boca de uma carranca.

Esta Igreja está edificada no centro de um adro, cercado por parede e servido por uma porta com seu fojo.

Em 1698 foi mandado construir esta porta, bem como fazer um fojo para impedir a entrada de animais no adro.

Nessa mesma ocasião ordenou-se a abertura de uma entrada livre do mesmo adro para a *Residência Paroquial*, obra esta que, como se vê, não se realizou.

A Residência é um edifício antigo, ao lado esquerdo da Igreja, com entrada pelo adro, mas bem conservado e com regulares acomodações.

A *Capela do Socorro* fica à margem da estrada, no lugar do Assento. É pequena e moderna.

A *Capela da Consolação*, no lugar de Vila Seca, está situada no cume de um pequeno outeiro, donde se disfruta um dos mais lindos panoramas; além de inúmeras freguesias que daqui se avistam em redor, a nossa vista alonga-se de poente a nascente desde o mar até Braga, Bom Jesus e Sameiro. É de um encanto indizível!

O templo é pequeno e antigo, modificado porém recentemente.

No alto da sua frontaria tem a seguinte inscrição: — «N. S. DA. CONSOLAÇÃO. EM. 1928».

Ao lado direito do edifício ergue-se uma pequena sineira com seu sino em que bate as horas um relógio.

Dentro é formado por dois corpos, sendo o da capela-mor em abóbada com altar de talha moderna.

No sopé do outeiro ergue-se um pequeno cruzeiro mutilado e, mais abaixo, no lugar de Vila Seca, um outro onde vão as procissões. Este cruzeiro parece ser antigo, mas tem gravada na base a data —1889, talvez a da reconstrução ou mudança.

A *Capela da Madalena*, no lugar de Lordelo, é pequenina, mas antiga. Está no centro de um adro, fechada por parede com duas portas de serventia, uma delas com fojo. Dentro o seu único altar é em talha antiga.

Em frente desta capela, em um pequeno largo, está um cruzeiro, bem proporcionado, sem data nem inscrição.

O *Cemitério Paroquial* chegou a construir-se no lugar da Bemposta e aí se enterraram alguns cadáveres, mas depois, por conveniências políticas, foi mudado para o sítio onde está, à margem da estrada e perto da Igreja. Tem sobre o seu portão a data 1890 e dentro estão vários jazigos.

No caminho da Igreja para o *cruzeiro Paroquial*, que fica muito distante, e é mais que modesto, estão vários ora-

tórios de pedra, com portas de madeira, metidos nas paredes dos muros e das casas. São nada menos de cinco, com os passos da paixão de Cristo. Compassadamente vêm-se ainda várias cruzes de pedra para a via-sacra.

Naquele mesmo lugar do Assento ergue-se um modesto cruzeiro que julgo ser o da Capela do Socorro.

Há nesta freguesia várias *Alminhas* ou *Nichos*.

As do lugar do Assento, em frente ao edifício da Escola Oficial, são interessantes; têm um alpendre de pedra com parapeito e duas colunas.

No painel vê-se pintada a seguinte inscrição: «As almas do purgatório libertadas por intercessão de N. S. do Carmo».

De cada lado têm mais duas inscrições gravadas em pedra, pedindo a compaixão dos *caminhantes descuidados*.

Há ainda as Alminhas da Aldeia, no lugar de Vila Seca, as da Ponte da Missa, em Lordelo, e as da Bem-posta. Estas têm a seguinte inscrição: «Devoção de J. A. G. F.— 1902».

Junta a estas duas últimas Alminhas dizem que aparecia *coisa ruim; o caminhante descuidado* que ali passasse de noite via junto a estas brancos fantasmas e junto àquelas a figura de cães, gatos e outros bicharocos a saírem de uma poça que perto delas existe.

A causa destes abusões não a sei.

Quanto aos fantasmas da Ponte da Missa, informam-me que, morando perto um homem viúvo e com filhos, amancebado com uma mulher qualquer, esta à sua morte, para espantar e amedrontar os herdeiros, se vestia de branco e ia passear de noite pelos prédios.

Meio mundo anda a enganar o outro meio e, como o número de parvos é infinito, daí haver tanta gente que acredita nestas superstições.

A população desta freguesia no século XVI era de 40 moradores. No Censo da População de 1527 diz: — «Titulo do jullgado de Farya — freguesia de Santiago de Vilasequa — 40 moradores». No século XVII era de 163 vizinhos ; no século XVIII era de 112 fogos; no século XIX era de 363 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 895 habitantes, sendo 401 varões e 494 fêmeas, sabendo ler 197 homens e 27 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Assento, Bemposta, Pontizelas e Lordelo.

Tem Caixa do Correio.

As suas casas mais importantes são: a do Casal, a do Neves, a de Lordelo, a do Roxo, a do Silva, a do Genebra que tem um portal com¹ a data 1853, a da Aldeia e a das Carvalhas com portal ameiado, varanda com colunas e pátio com alpendre antigo.

A produção predominante nesta freguesia é, além de cereais e vinho, a cebola, alhos, hortaliça, melancia e melões, que exportam em grande quantidade.

Há várias moendas no rio e alguns moinhos de vento.

Tem várias fontes públicas.

À fonte do Assento refere-se a visita de 1723, por ser a que fornece a água para o serviço da Igreja, mandando-a consertar e limpar.

Na visita de 1725 ordena-se que seja acrescentada a ponte de Lordelo com mais um arco, do lado daquele lugar, visto a água, por não ter grande corrente, represar e cobri-la na ocasião das cheias.

Dos homens mais ilustres destacaremos os seguintes:

P.º João Martins, que paroquiou esta freguesia por 1722 e foi o primeiro pároco que se intitulou reitor.

P.º Francisco Alves Lobarinhas, oriundo de Melgaço, serviu como reitor de Vila Seca até 1835, ano em que

grassou o sisma, como diz um curioso assento existente no Arquivo Paroquial.

Naquele ano de 1835 foi esta freguesia anexada à de Fornelos, da qual era pároco José de Figueiredo, e só em 1737 é que Vila Seca readquiriu a sua independência como paróquia.

Do «Livro dos Capítulos das Visitas» desta freguesia que vai desde 1694 a 1783, passo a extrair a referência a alguns usos e abusos que foram notados pelos visitantes.

Assim em 1709 determinou-se «que não consinta o Rev.º Pároco que a imagem de Nossa Senhora se vista com trajes de romeira à moda com crista e penachos contra a modéstia que da Virgem Senhora nos incutem suas Pinturas antigas, pois disso resulta o inhonesto trage com que as mulheres vêm à Igreja ainda na ocasião do receber os Sacramentos».

Em 1715 um tal João de Azevedo, solteiro, por não mostrar escrito em como se *desobrigou*, foi condenado em uma libra de cera, na forma da Constituição.

Em 1717proíbem-se os serões, as esfolhadas, as espaldadas de noite com ajuntamento de homens e mulheres.

Em 1726 é condenado o procedimento dos donos dos moinhos mandarem dormir neles moças solteiras e em 1760 é proibido pessoas descalças e com vestidos indecentes acompanharem o viático aos enfermos, e aos padres dizerem missa ou assistirem aos ofícios divinos com *vestidos indecentes* e com tamancos, ainda que sejam em forma de sapatos.

O povo nesta freguesia é morigerado; não frequenta vendas, tornando-se notável não ir a elas *bebericar*.

A propriedade aqui está actualmente muito dividida e fraccionada; poucos são os pobres *sem eira nem beira*.

Toda ela é muito bem cultivada; faz gosto vê-la, tirados os milheirais, com seus alfôbres de cebolas e hortas verdejantes, que ninguém rouba. . . porque todos têm! 388